

**O MANUAL DE ROUTLEDGE DO ESPANHOL COMO LÍNGUA DE HERANÇA**  
**EL MANUAL DE ROUTLEDGE DEL ESPAÑOL COMO LENGUAJE DE HERENCIA**  
**THE ROUTLEDGE HANDBOOK OF SPANISH AS A HERITAGE LANGUAGE**

Natalia RUIZ-GONZÁLEZ<sup>1</sup>

*The Routledge handbook of Spanish as a heritage language* é um manual, editado por Kim Potowsky em 2018, no editorial Routledge (592 páginas), que reúne um total de até 36 trabalhos de pesquisa acerca do ensino de espanhol no mundo, especialmente nos Estados Unidos, onde se situam boa parte dos autores da obra.

A importância deste volume reside nas cifras sobre falantes de espanhol fora de países língua espanhola que lidamos atualmente, pois, entre 437 e 472 milhões de pessoas e de vinte países ao redor do mundo falam espanhol como língua materna e, destes falantes, segundo o Instituto Cervantes, aproximadamente 45,8 milhões residem em países onde esta língua não é oficial, como Estados Unidos, onde os hispanos supõem 15% da população total do país.

Muitos falantes, ainda que tenham como idioma principal o inglês, falam espanhol devido a sua exposição a esta língua no entorno familiar e de suas diferentes redes sociais. Estes se denominam *falantes de herança* e cada vez mais tem maior presença no ensino global de espanhol.

Neste contexto surgem os termos *língua minoritária e língua minorizada*, que se empregam no compêndio que resenhamos. O primeiro se refere aqueles idiomas que são falados por uma população menor que 50% do Estado, enquanto o segundo designa línguas que, além disso, são marginais e sofrem discriminação por parte dos Governos nos quais se desenvolvem. E esta segregação se vê potencializada pelas características linguísticas da língua em questão, mas também pelos traços sociais dos falantes que a praticam. Pode acontecer que uma língua seja minoritária e, ao mesmo tempo, minorizada, como ocorre com o espanhol nos Estados Unidos, ou pode ocorrer que seja minoritária, mas que esteja bem vista pelos olhos da população do país estudado, como o inglês no México.

---

<sup>1</sup> Universidad de Granada (UGR), Granada – Espanha. Docente Pesquisador em formação no Departamento de Língua Espanhola. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3496-6933>. E-mail: nataliaruiz@ugr.es

Em resumo, a principal função desta obra é observar o que ocorre com o espanhol a respeito disso em diferentes países do mundo, considerando o status socioeconômico dos falantes e sua influência em seu nível de prestígio alcançado.

Este volume está dividido em partes que estão destinadas a ajudar aos leitores a conceitualizar de maneira ampla os temas que são trabalhados nele, especialmente os que tem relação com a percepção e ensino do espanhol nos Estados Unidos e sua relação com fatores extralinguísticos. Uma quarta seção analisa a situação em outros países onde o espanhol é praticado, como Itália, Suécia, Austrália e México, que é abordado em relação à população de origem latina retornada ao país de língua espanhola, dos Estados Unidos.

Após uma exaustiva introdução por parte da editora do volume, Kim Potwosky, anunciando o conteúdo que veremos a seguir, encontramos *Social Issues*, que supõe o primeiro grande bloco da obra, composto de nove trabalhos de pesquisa centrados no uso do espanhol nos Estados Unidos e sua problemática social, especialmente após a chegada de Donald Trump à presidência em 2016, pois desde este momento as políticas migratórias tem se enrijecido e eliminado o espanhol de qualquer espaço institucional, como, por exemplo, o site da Casa Branca.

O primeiro capítulo, “A historical view of US *latinidad* and Spanish as a heritage language”, de Andrew Linch, da Universidade de Miami, faz uma análise das forças que impulsionam o termo *latinidad* na cultura estadunidense durante os séculos XIX e XX, quando o espanhol passou de uma precoce presença positiva a uma imperante hispanofobia no começo dos anos 30.

A seguir, encontramos “Spanish in U.S. language policy and politics”, de autoria de Phillip Carter, da Universidade Internacional da Flórida. Este contempla a situação do espanhol acerca dos fenômenos: seu uso no discurso político e as medidas linguísticas para o espanhol. Carter considera que a negligência e o desdém das Academias de Línguas têm influenciado determinadamente na situação do espanhol hoje nos Estados Unidos.

Em terceiro lugar, Devin Jenkins, da Universidade de Colorado (Denver), apresenta “Spanish language use, maintenance, and shift in the United States”, onde atualiza a situação demográfica das comunidades hispânicas em todo o país e descobre que o México é o que mais cresceu nos últimos anos na cidade de Nova York, até agora dominada por porto-riquenhos, bem como que é precisamente a Costa Leste a região onde mais tem aumentado a migração latina desde os anos 2000.

Em seguida, “Spanish in linguistic landscapes of the U.S.”, de José Franco-Rodríguez, da Universidade Estatal de Fayetteville, detalha a situação da paisagem linguística do

espanhol nos Estados Unidos, estabelecendo uma relação dos últimos estudos que vem realizando nesta linha e a redução da visibilidade da língua, a pesar do aumento das populações hispânicas, possivelmente por uma questão de caráter ideológico que contempla a presença social do inglês frente ao rechaço ou estigma social associado ao espanhol (imigrante ilegal).

No quinto capítulo, “Linguistics and Latino studies: intersections for the advancement of linguistic and social justice”, escrito por Lourdes Torres (Universidade DePaul), se explora as conexões entre os falantes de espanhol e a justiça social, bem como a forma pela qual a linguagem funciona na vida das comunidades Latinas. Além disso, a autora advoga por uma defesa contínua para que não se prejudiquem os direitos linguísticos alcançados por este conjunto da população.

Posteriormente, Rachel Showstack, que pertence a Universidade Estatal de Wichita, exhibe um trabalho denominado “Spanish and identity among Latin@s in the U.S.”. Nele se estabelecem conexões entre identidade e linguagem latinos e demonstra várias formas em que as pessoas usam o espanhol para representar identidades em interação dentro de contextos sociais específicos como a família, a comunidade, o trabalho e a escola.

Assim, chegamos a “Spanish as a heritage language and the negotiation of race and intra-Latina/o hierarchies in the U.S.”, o sétimo capítulo desta primeira parte, de Rosalyn Negrón, da Universidade de Massachusetts (Boston). A autora analisa o poder da raça para criar hierarquias entre os latinos e as variedades linguísticas do espanhol. Por meio da revisão de literatura, bem como da demonstração de exemplos de seu próprio trabalho na cidade de Nova York, Negrón revela que os latinos frequentemente tenderam a negociar sua categorização racial através do espanhol de forma diferenciada.

Por último, fecham este primeiro bloco Holly Cashman e Juan Trujillo, da Universidade de New Hampshire e a Estadual de Oregon, respectivamente. Sua pesquisa, intitulada “Queering Spanish as a heritage language”, observa que a percepção que se tem do idioma corresponde à visão racista que impera e segrega certos coletivos da população.

A segunda parte da obra, *Linguistic Studies*, centra-se nos problemas de caráter linguístico que um falante que recebeu o idioma como herança deve superar. Debate-se amplamente nesta seção, a aquisição da linguagem dos aprendizes de espanhol nos Estados Unidos e as mudanças sociais que são produzidas de uma geração a outra, sobretudo em termos bilíngues.

Em primeiro plano, encontramos a Silvina Montrul, da Universidade de Illinois, com sua pesquisa “Morphology, syntax, and semantics in Spanish as a heritage language”. Esta

analisa os aspectos gramaticais no espanhol herdado nos Estados Unidos e detalha questões variáveis em morfologia que podem interferir em sua aprendizagem, bem como aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos que os próprios indivíduos reconhecem que lhes causam certa dificuldade.

A seguir, podemos ler “Heritage Spanish phonetics and phonology”, de Rebecca Ronquest, da Universidade Estadual da Carolina do Norte, e Rajiv Rao, da Wisconsin-Madison. Eles sintetizam os avanços atuais nos estudos de pesquisa em fonética e fonologia espanholas, bem como o início da aprendizagem das formas oclusivas surdas e da possível influência do inglês na realização das vogais em espanhol. Também levam em consideração as observações acerca da fonética suprasegmental, denotando que, apesar de que a língua herdada seja auditivamente similar ao espanhol, se nota um “sotaque herdado” evidente.

Depois, “The lexicon of Spanish heritage language speakers” expõe uma análise da Marta Fairclough e Anel Garza, das universidades de Houston e Rice, respectivamente. Como seu próprio nome indica, as autoras se centram aqui na aprendizagem do léxico, um dos elementos mais variável dialetalmente. Enfocam, além disso, a influência da idade em sua aquisição, bem como o léxico que os falantes de espanhol nos Estados Unidos são capazes de receber e produzir, pois relacionam o domínio desta matéria da língua com uma maior segurança linguística.

Em quarto lugar, Derrin Pinto, da Universidade Saint Thomas, intervém mediante “Heritage Spanish pragmatics” para notar o escasso interesse que se tem produzido os estudos sobre pragmática em falantes de espanhol criados nos Estados Unidos, que nem sequer em comunidades onde o espanhol é oficial este plano da língua recebeu o mesmo tratamento que seus adversários, e isso é demonstrado na necessidade de realizar estudos sobre fenômenos como os marcadores do discurso, os mecanismos de atenuação e intensificação ou formulas de tratamento. Eles se veem, inevitavelmente, influenciados pelo inglês. Por exemplo, ocorre no uso alternativo entre os pronomes de segunda pessoa, *tú* e *vos*, que se escuta em Houston.

Nesse ínterim, Harriet Wood Bowden e Bernard Issa, da Universidade de Tennessee (Knoxville), questionam a respeito das tendências neurolinguísticas, no capítulo denominado “Neurolinguistic approaches to Spanish as a heritage language”. Eles analisam o processamento mental que se produz durante o reconhecimento e a produção do espanhol como língua herdada mediante aparatos como a ressonância magnética funcional.

Logo depois, Jill Jegerski, da Universidade de Illinois em Urbana-Champaign, apresenta “Psycholinguistic perspectives on heritage Spanish”, centrado na metodologia de processamento em tempo real. Este capítulo esclarece o estado de arte nos estudos

psicolinguísticos dos sistemas herdados do espanhol, incluindo a descoberta de que os falantes de herança se parecem mais aos aprendizes de um segundo idioma.

“Child heritage speakers’ morphosyntax: rate of acquisition and crosslinguistic influence”, por sua vez, é um capítulo de Naomi Shin, da Universidade do Novo México, que examina a aprendizagem da morfossintaxe pelas crianças. Elas a adquirem a um ritmo mais lento que os falantes monolíngues e, à medida que vão crescendo, por influência do inglês, vão simplificando. É útil para saber qual é o processo comum de desenvolvimento na aprendizagem destas crianças, realizar questionamentos a respeito e detectar anomalias que necessitam de intervenção.

Posteriormente, Rena Torres-Cacoullós e Gran Berry, da Universidade Estadual da Pensilvânia, falam em “Sociolinguistic variation in U.S. Spanish” sobre como a língua varia em função das características externas à linguagem no contexto estadunidense. Os resultados encontrados se assemelham aos que puderam perceber em contextos multilíngues, com o qual as variáveis sociais atuam de modo similar tanto no espanhol majoritário quanto no minoritário. Do mesmo modo, Torres e Berry propõem uma metodologia que facilite e simplifique o tratamento destes dados nesta disciplina.

Mais adiante, Daniel Erker, da Universidade de Boston, observa o contato dialetal espanhol dentro dos Estados Unidos em “Spanish dialectal contact in the United States”. Ou seja, tenta descobrir como a variação dialetal ou a procedência dos falantes influencia na sua aquisição da linguagem. Esta demonstra ser uma variante mais de influência sempre que se combine com outros fatores sociais, como a idade ou o nível educacional.

Finalmente, culmina nesta segunda parte o exame de Leah Durán e Almeida Jacqueline Toribio, da Universidade de Texas, “Understanding and leveraging Spanish heritage speakers’ bilingual practices”. Este explora algumas práticas próprias de contextos bilíngues, como as mudanças de código, e como as crianças aprendizes de espanhol as realizam. Nas escolas são habituais e até aceitáveis, enquanto no contexto universitário estão mal vistas e rejeitadas socialmente.

A terceira seção desta obra, *Educational Issues*, apresenta em dez capítulos os problemas educacionais que testemunham, a partir de uma perspectiva teórico-prática, os alunos falantes de espanhol como uma língua de herança na escola, especialmente importante nos Estados Unidos, onde três quartos da população hispana com cinco anos ou mais falam espanhol como língua minoritária, ainda que a tendência seja que esta proporção diminua nos anos seguintes. A evolução e o êxito escolar destes estudantes estão por trás dos falantes que dominam o inglês. Por essa razão, conhecer o que acontece é vital para tomar medidas

educacionais que melhorem seu rendimento e evitar, assim, possíveis segregações e classificações entre as crianças por sua origem linguística.

Esta terceira abordagem se inicia com “Differentiated teaching: a primer for heritage and mixed classes”, de María Carreira e Claire Hitchins Chik, do Centro de recursos linguísticos do patrimônio nacional (UCLA). As autoras pesquisam neles os processos que têm lugar na sala de aula, mais que os resultados, e oferecem um conjunto de ferramentas para que os docentes possam guiar a seus alunos a aproveitar o máximo das aulas referentes a aprendizagem de idiomas.

Segue com “Towards the development of an analytical framework for examining goals and pedagogical approaches in teaching language to heritage speakers” Guadalupe Valdés e María Luisa Parra, das universidades de Standford e Harvard, respectivamente. Elas expõem a necessidade de fomentar o pensamento crítico dos alunos para que se descolonizem sentimentos e pensamentos acerca da linguagem. Tudo isso após determinar que existe uma série de passos que podem seguir o processo de aprendizagem para “curricularizar o idioma” e aplicá-los ao ensino do espanhol como língua de herança. Para isso, levam em consideração questões ideológicas relativas à linguagem, raça ou à classe e teorias relacionadas ao bilinguismo e à aquisição de uma segunda língua.

Em seguida, Melissa Bowles, da Universidade de Illinois em Urbana-Champaign, mostra em “Outcomes of classroom Spanish heritage language instruction” os resultados do ensino do idioma espanhol em sala de aula durante as últimas décadas. Sua análise lança que a maioria emprega uma projeção prévia e outra posterior às provas de avaliação, ainda que ainda haja muita coisa para pesquisar a respeito.

Por sua vez, Jennifer Leeman, da Universidade George Mason, escreve “Critical language awareness and Spanish as a heritage language: challenging the linguistic subordination of US latinxs”, que se centra na importância da linguagem a partir de uma perspectiva crítica que recoloca questões ideológicas que giram em torno do bilinguismo, para ser capazes de ponderá-las em dúvida em mudá-las, se necessário.

Posteriormente, “Key issues in Spanish heritage language program design and administration”, pertencente a Sara Beaudrie, da Universidade Estadual do Arizona, fala sobre a distribuição dos cursos, o planejamento e o desenvolvimento dos planos de estudo do espanhol a falantes herdeiros da língua e sobre o modo em que é mais provável conseguir uma avaliação satisfatória dos estudantes.

Seguem Ann Abbott, da Universidade de Illinois em Urbana-Champaign, e Glenn Martinez, da Universidade do Estado de Ohio, com “Spanish for the professions and



community service learning: applications with heritage learners” para examinar no âmbito universitário alguns campos relacionados com a aprendizagem de profissionais e serviços comunitários onde o espanhol tem importante lugar. O que se pretende é que os alunos consigam obter um conhecimento do idioma sobre situações concretas, como em negócios e em atendimentos médicos e, por sua vez, melhorem sua interação com falantes nativos.

A seguir, aparece “Spanish heritage speakers studying abroad”, de Rachel Shively, da Universidade do Norte de Illinois, que se centra, também no contexto universitário, em como tem crescido o número de estudantes estadunidenses que se formam no exterior a partir dos anos noventa, e analisa qual é sua situação em países de fala hispânica, pois para alguns se supõe um “regresso a casa” mais que uma “imersão linguística em outra língua”, ainda que sejam vistos como estrangeiros sob o ponto de vista da identidade.

Em seguida, Ana Carvalho, da Universidade do Arizona, e Michael Child, da Universidade Brigham Young, exibem “Expanding the multilingual repertoire: teaching cognate languages to heritage Spanish speakers” e revelam os problemas que ocorrem na aquisição de idiomas próximos ao espanhol, como o francês ou o português, também línguas românicas, por parte dos falantes de espanhol, que tende a ser uma aprendizagem mais rápida e com melhores resultados que em relação a outras línguas. Os autores detalham os esforços dos planejadores de planos de estudo para desenvolver materiais que se adaptem melhor aos falantes de espanhol herdeiros que aprendem um terceiro idioma deste tipo.

Assim, “Developing Spanish in dual language programs: preschool through twelfth grade” é um capítulo de Kathryn Lindholm-Leary, da Universidade Estadual de San José, que se concentra no ensino fundamental, onde as crianças passam grande parte do dia, e faz uma revisão dos últimos trinta anos, que mostra que os alunos se beneficiam dos programas de dois idiomas nas provas padrões de rendimento, classificações dos cursos, as taxas de assistência e abandono escolar e as atitudes dos estudantes. Há, no entanto, poucos programas de bilíngues em espanhol nos EUA. Atualmente, pouco menos de 300 escolas para quase 8 milhões de estudantes latinos.

Jeannette Mancilla-Martinez, da Universidade Vanderbilt, finaliza esta seção com a publicação “What do we know about U.S. Latino bilingual children’s Spanish literacy development?”, que pesquisa como as crianças bilíngues desenvolvem seu processo de alfabetização em espanhol e apresenta as diferenças entre os que o fazem em inglês, uma vez que expõe como resolver este tipo de problemas em ambos idiomas.

A quarta e última seção, *Spanish as a minority/heritage language outside of the U.S.*, que encerra o manual, abrange problemas de herança que, como idioma minoritário, o

espanhol alcançou fora dos Estados Unidos em até oito países, embora outros como Brasil, Gibraltar, Guiné Equatorial, Marrocos e Filipinas, onde mantém uma presença notável, pudessem ser incluídos.

Em primeiro lugar, Criss Jones Díaz, da Universidade Western Sydney, e Ute Walker Massey, da Universidade de Nova Zelândia, escrevem “Spanish in the Antipodes: diversity and hybridity of Latino/a Spanish speakers in Australia and Aotearoa-New Zealand”, que mostra mediante dados quantitativos e qualitativos, em uma pesquisa com imigrantes latino-americanos, o que acontece na Austrália e na Nova Zelândia maori.

Por sua vez, Milin Bonomi, da Universidade de Milão, e Laura Sanfelici, da Universidade de Génova, determinam em “Spanish as a heritage language in Italy” o conceito de *Spanish in-motion* como forma de descrever o conjunto de práticas híbridas que os falantes de espanhol realizam na Itália, que ocorrem a pesar da ideologia monolíngue e da nação que pretende acomodar aos imigrantes através do uso exclusivo do italiano.

Em seguida, podemos ler “Spanish as a heritage language in Germany”, de Carmen Ramos Méndez-Sahlander, da Universidade de Línguas Aplicadas de Munique, onde se expõem as crenças sobre a melhor maneira de promover a aquisição da língua espanhola na Alemanha, onde a diminuição dos recursos é um fator principal na falta de programas de manutenção em espanhol.

Verónica Sánchez Abchi, em seguida, realiza na Universidade de Friburgo (Suíça) uma pesquisa sobre o que acontece na Suíça e reflete no capítulo “Spanish as a heritage language in Switzerland”. Documenta que, apesar do desafio das origens extremamente diversas, tem se demonstrado que os estudantes escrevem melhor em espanhol depois de assistir às aulas de Idioma e cultura de origem.

Em quinto lugar, “Chilean Spanish Speakers in Sweden: transnationalism, trilingualism, and linguistic systems”, de Maryann Parada, da Universidade Estadual da Califórnia, resume a pesquisa linguística coletada até o momento sobre a comunidade chileno-sueca neste Estado.

Prossegue Martin Guardado, da Universidade de Alberta, com “Spanish as a minority/heritage language in Canada and the UK”, onde examina a situação do Canadá e Reino Unido com relação à metamorfose, o idioma e a identidade e experiências educacionais entre imigrantes de fala hispânica.

E para fechar este bloco e o volume Clare Mar-Molinero, da Universidade de Southampton, com “Language issues for US-raised ‘returnees’ in Mexico”. Os falantes retornados ao México, segundo ela, têm uma forma particular de falar espanhol por conta de



sua educação nos Estados Unidos, bem como suas próprias experiências culturais. No entanto, sua análise parece determinar que as escolas mexicanas atendem melhor às necessidades desses estudantes retornados do que seus colegas americanos.

Em resumo, é possível concluir, a partir maioria dos trabalhos apresentados neste volume, que os idiomas na situação minoritária no mundo parecem fadados a desaparecer, especialmente nas situações em que os falantes se encontram como imigrantes em situação irregular no país. A partir de uma revisão de aspectos de tipo linguístico, social ou educacional, se objetivou reportar a situação do espanhol como língua de herança ou língua minoritária nos Estados Unidos, principalmente; mas também em países como Austrália, Suécia, Itália ou, também, México, o qual denota, mais uma vez, a ampla expansão do espanhol no mundo atual.

## REFERÊNCIAS

POTOWSKI, K. (Ed.). **The routledge handbook of spanish as a heritage language**. New York: Routledge, 2018. 592p.

### Como referenciar esta resenha

RUIZ-GONZÁLEZ, Natalia. O manual de routledge de espanhol como língua patrimonial. **Rev. EntreLínguas**, Araraquara, v. 6, n. 1, p. 220-228, jan./jun., 2020. e-ISSN: 2447-3529. DOI: <https://doi.org/10.29051/el.v6i1.13596>

**Submetido em:** 30/07/2019

**Revisões requeridas em:** 30/08/2019

**Aceito em:** 30/11/2019

**Publicado em:** 06/01/2020